

VIAJES Y CIUDADES MÍTICAS

Álvaro Baraibar y Martina Vinatea Recoba (eds.)



Baraibar, Álvaro y Martina Vinatea Recoba (eds.), *Viajes y ciudades míticas*, Pamplona, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2015. Colección BIADIG (Biblioteca Áurea Digital), 31 / Publicaciones Digitales del GRISO.

EDITA:

Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra.



Esta colección se rige por una [Licencia Creative Commons Atribución-
NoComercial 3.0 Unported](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/).

ISBN: 978-84-8081-462-1.

FRANCISCO DE HOLANDA
DA FÁBRICA QUE FALECE À CIDADE DE LISBOA

Cristina Osswald
CITCEM – Universidade do Porto

Temos, Senhora, em Portugal, cidades boas e antigas,
principalmente a minha cidade.
(Francisco de Holanda, *Diálogos da Pintura, Primeiro Diálogo*)

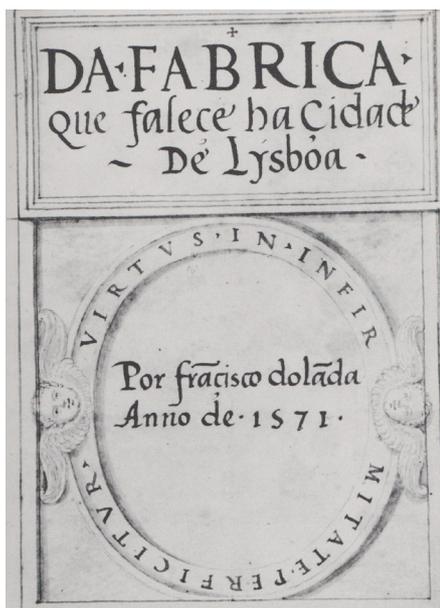


Figura 1

FRANCISCO DE HOLANDA – UM VULTO DO RENASCIMENTO EM PORTUGAL

Francisco de Holanda (conhecido também nas fontes documentais coevas, como Francisco d’Olanda) nasceu em Lisboa a 6 de Setembro de 1517 e morreu na mesma cidade a 19 de Junho de 1585. À semelhança do seu pai, António de Holanda, Francisco foi iluminador (são atribuídas a Francisco de Holanda as iluminuras da obra *De aetatibus mundi imagines* datada de 1547), e ainda pintor e arquitecto. Há que referir que a sua obra *Antiquae Urbis* (esta obra de 1521 contém precisamente uma das primeiras gravuras do Castelo de Sant’Angelo em Roma) e o *Album dos Desenhos das Antiquallas* (1540) reflectem a sua actividade, como coleccionador erudito. Foi Francisco de Holanda ainda o introdutor da tratadística de arte em Portugal, com a obra da *Pintura Antiga* datada de 1548.



Figura 2

Considera-se que Francisco de Holanda foi um dos principais e mais interessantes vultos da cultura renascentista em Portugal. O primeiro contacto de Holanda com a cultura renascentista de cariz humanista deu-se na cidade de Évora, onde, entre 1534 e 1538, foi aluno de um dos principais vultos do Renascimento, mais precisamente, Garcia de Resende, que ensinava grego e latim e difundia o culto da antiguidade na mesma cidade. Também em Évora e suas redondezas pôde Holanda observar os vestígios histórico-arqueológicos da Antiguidade, em especial, os vestígios do templo dedicado ao culto imperial, ou ainda a importante colecção epigráfica organizada pelo Cardeal Infante

D. Henrique na sua Quinta de Valverde localizada a cerca de 12km da mesma cidade alentejana.

Não de somenos importância, era a Évora, onde Holanda vivia, uma cidade, que se encontrava na vanguarda da cultura renascentista. Pois, a presença da corte portuguesa nesta cidade, entre a aclamação de D. Afonso V e as primeiras décadas do séc. XVI foi determinante, para que a mesma cidade assumisse a liderança na introdução do humanismo e do renascimento em Portugal durante o período em questão¹.

Foi Holanda bolseiro régio em Roma, entre aproximadamente os anos 1538 e 1540 ou 1541, para aprender, em especial, «a nobre arte da fortificação». Nesse sentido, visitou e desenhou algumas das mais modernas fortalezas italianas (como arquitecto militar, Holanda elaborou, aliás, uma planta da fortificação de Mazagão em Marrocos). Sabe-se que, durante a sua estadia em Itália, visitou sítios arqueológicos e colecções de antiguidades com assiduidade, tendo realizado desenhos dos mesmos, os quais ilustram a sua obra *Album das Antiquallas*. Também em Itália, conheceu ilustres artistas (não sabemos ainda se os seus célebres *Diálogos em Roma* (1548), durante os quais teria supostamente conversado com o próprio Michelangelo, resultaram do contacto directo ou apenas indirecto com este artista), humanistas, colecionadores do seu tempo, e tem ainda acesso às mais recentes publicações de arte e filosofia, desde as cartas de Aretino ao livro IV de Sebastiano Serlio².

ASPECTOS GERAIS DA OBRA *DA FÁBRICA QUE FALECE À CIDADE DE LISBOA*

Este opúsculo é tanto mais importante, quanto constitui a primeira proposta global de renovação arquitectónico-urbanística da cidade de Lisboa, por outras palavras, dum plano director de obras a realizar. A preocupação mostrada por Holanda com Lisboa está relacionada com o crescimento da mesma cidade, que não terá sido devidamente acompanhado pelas autoridades. Por um lado, a partir do séc. XVI, a corte tornou-se, cada vez mais numerosa, e, por isso, tendencialmente fixa na capital. Por outro lado, durante toda a centúria de Quinhentos, o crescimento exponencial em tamanho e população deveu-se, sobretudo, à sua posição de capital dum dos principais impérios marítimos e comerciais

¹ Sirgado Ganho, 2006, p. 8.

² Deswarte, 1986, p. 12, e Deswarte, 1992, p. 10 e p. 55.

européus³. Por conseguinte, Lisboa apresentava-se, em finais do séc. XVI, como uma cidade desordenada, situação observada por Holanda, logo no prólogo do texto em análise:

E considerando eu quão descomposta está Lisboa de fortaleza e quão desordenada do que lhe muito importa, sendo ela a cabeça deste reino, e a coroa dela Vossa Alteza, esforcei-me, dar para sua fortificação e ornamento, esta lembrança a Vossa Alteza, e a Lisboa, ou para se servir dela em o presente, ou para o tempo que está por vir⁴.

No intuito de apresentar uma resolução para os mais agudos problemas de Lisboa à época, Holanda descreveu e desenhou os principais edifícios e equipamentos, dos quais, na sua opinião, esta cidade mais carecia. Procedeu Holanda à descrição e ao desenho das várias possíveis tipologias de edifícios (arquitectura militar, religiosa e civil) e equipamentos (comunicação ou orientação, abastecimento de água, saúde). Inclui compreensivelmente este plano de Holanda a sua intenção de tornar Lisboa uma cidade digna do seu estatuto de capital dum império. Por outras palavras, Holanda concebeu um plano urbanístico, que inclui um conjunto de edifícios, os quais permitiriam oferecer a Lisboa um perfil monumental mais consonante com a sua grandeza imperial. Nesse sentido, uma das justificações usada por Holanda, com o recurso a perguntas retóricas, de modo a reforçar os seus argumentos, é que outras cidades mais pequenas teriam melhores equipamentos que Lisboa:

Porque não terá Lisboa fortaleza pois que é tão nobre e presunçosa cidade, assim como tem Milão, Nápoles, Florença, Ancona, Treviso, Génova, Pesaro, Ferrara, Nice e outras cidades menores cidades que ela, e que não dominam Oriente nem Poente, como Lisboa?⁵

Um outro argumento é de natureza histórica, combinado com um forte apelo de natureza psicológica. Holanda apelou ao rei, para não deixar os seus créditos por mãos alheias. Para isso, e, à semelhança dos seus antecessores, o Rei D. Sebastião teria que empreender as obras necessárias, como lemos, por exemplo, nesta passagem do primeiro capítulo:

³ Castro Soares, 2003, p. 583.

⁴ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, p. 12.

⁵ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, p. 18.

E pois que os gentios, sendo Lisboa gentia, tanto a honraram e os Romanos de tão longe sendo estrangeiros tinham cuidado dos seus edifícios e nobreza, quanto mais o deve fazer Vossa Alteza e os cidadãos dela, pois que não tem outra coisa mais nobre em seus reinos, nem há mais Portugal que Lisboa⁶.

Este pequeno opúsculo (trinta e dois fólhos), cujo manuscrito se conserva na Biblioteca Nacional da Ajuda em Lisboa (cota: 51-III-9), é formado por um prólogo, seguido de doze capítulos e ainda vinte e duas ilustrações inéditas: Estas ilustrações, isto é, desenhos deveriam ser tomados, como modelos arquitectónicos. Do ponto de vista temático, estes doze capítulos organizam-se em cinco partes principais. Após a história dos edifícios (capítulo um), seguem-se uma parte dedicada à fortificação (capítulos dois a quatro), uma parte relativa aos edifícios régios (capítulo quinto), uma parte que aborda diferentes tipologias de equipamentos para uso público (capítulos sexto, sétimo, oitavo e nono), e, por fim, a parte relativa a edifícios e estruturas religiosas (capítulos dez a doze).

Logo o segundo parágrafo do prólogo intitulado *Lembrança ao muito sereníssimo e cristianíssimo Rei Dom Sebastião*, Holanda referiu que considera ser sua obrigação escrever este tratado, para ajudar a recuperar a antiga grandeza de Lisboa. O primeiro argumento apresentado por ele, é que não queria ser ingrato à memória do Rei D. João III, que o tinha enviado para Itália para estudar as fortificações. Ademais, Holanda considerava que possuiria as competências necessárias para executar tal empreendimento⁷. Esta observação acerca da sua adequação a tal tarefa compreende-se ademais, enquanto este opúsculo tenha constituído, de igual modo, uma tentativa (frustrada) de Holanda para recuperar a sua antiga posição de prestígio junto à corte.

O primeiro capítulo tem o longo título *Da Antiguidade de Lisboa e das obras que nela e em Portugal fizeram os romanos, e depois os reis nossos*. Após a referência à fundação de Portugal, cujo primeiro nome foi Lusitânia, o autor traçou a história de Lisboa, entre os primórdios da fundação até ao séc. XVI. Termina este capítulo com uma admoestação determinista ao Rei D. Sebastião, no sentido, que o D. João III teria começado uma série de obras, para que o seu sucesso, ou seja, o seu sucessor, o Rei D. Sebastião as pudesse concluir:

⁶ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, p. 14.

⁷ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, pp. 11-12.

Ora El-Rei vosso avô de gloriosa memória, quem duvida que, se o não atalhara a morte, que houvera de fazer grandíssimas obras em Lisboa? Como me dizia quando vim de Itália: assim na fortaleza do Castelo, como em trazer a água de Belas, como em muitas outras obras, o que se pode bem conjecturar somente em o começo da fortaleza de S. Gião [S. Julião] e dos Paços que em Enxobregas vos deixou começados para os Vossa Alteza acabar, com tudo mais que a Lisboa falece⁸.

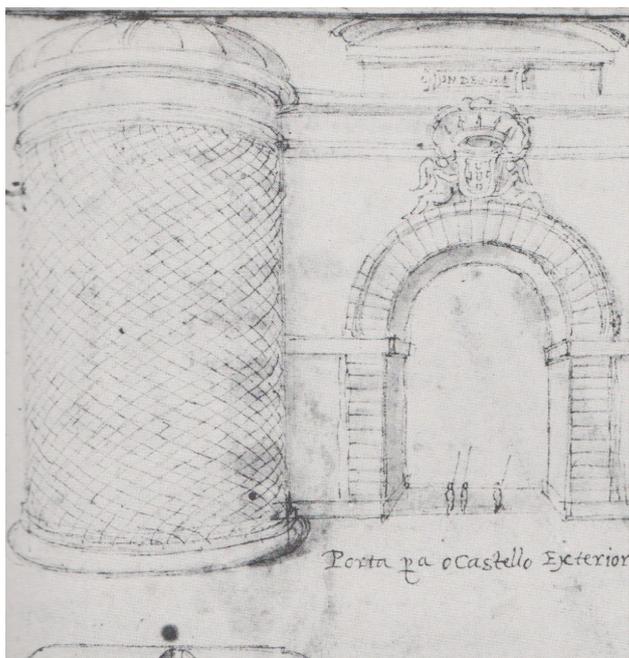


Figura 3

O segundo capítulo tem o título *Da cidade da alma primeiro, e de sua fortaleza*. Antes de abordar os vários edifícios que, na sua opinião, seriam essenciais para que Lisboa se tornasse uma cidade moderna, Holanda considerou essencial destacar a fortaleza da alma ou interior, como indicado no respectivo desenho. Mais precisamente, Holanda disse, que era necessário guarnecer as três potências da alma, ou seja, a memória, o entendimento e a vontade, com a prática das três virtudes cardeais: fê, esperança e caridade⁹.

⁸ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, pp. 13-15.

⁹ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, p. 16.

Os dois capítulos seguintes são, portanto, dedicados à fortificação. Abordam respectivamente a fortificação terrestre e marítima de Lisboa. Mais precisamente, o capítulo três intitula-se *Do castelo e bastiões e muros que convêm a Lisboa*¹⁰. A designação do capítulo quarto é *Da fortaleza de Belém e São Julião e baluartes*¹¹.

No terceiro capítulo, Holanda justificou a necessidade de fortificar Lisboa, tomando como exemplo as cidades italianas, em especial, Roma, e ainda o exemplo bíblico por excelência para um texto de arquitectura e urbanismo, ou seja, a história do Rei David:

Nós lemos assim mesmo em a Sagrada Escritura como David, sendo santo rei e tendo mais sua fortaleza em Deus que em paredes nem castelos de pedra e cal, que todavia fez fortaleza e castelo em o Monte de Sião fortíssimo: de que pendiam mil escudos de metal, e mil armaduras de fortes¹².

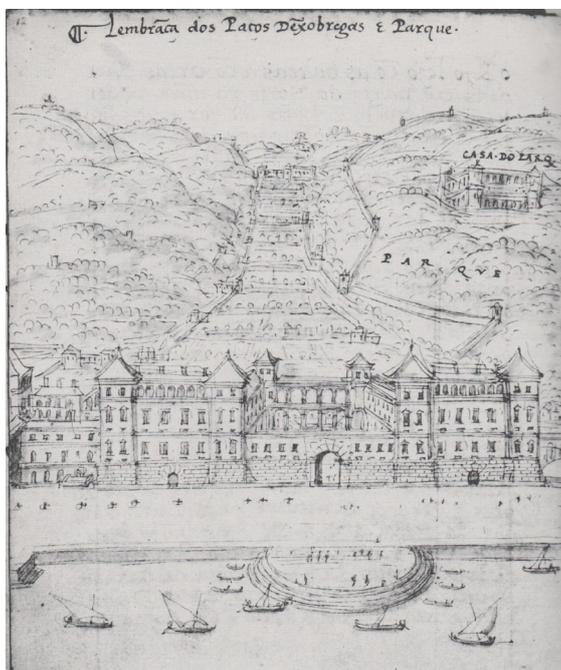


Figura 4

¹⁰ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, pp. 17-18.

¹¹ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, pp. 19-20.

¹² Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, p. 17.

O quarto capítulo tem uma natureza essencialmente técnica. Além de ter referido os materiais e suas qualidades, Holanda deu indicação da melhor localização dos baluartes, que deveriam ser construídos ao longo do Tejo¹³.

O capítulo quinto intitula-se *Dos Paços de Enxobregas e Parque*. Este capítulo justifica-se, pela inexistência dum palácio real à altura, facto, aliás, observado em outras descrições datadas da centúria de Quinhentos. Por exemplo, em uma descrição feita em 1510, o secretário do abade de Cister considerou, que o palácio real nem merecia sequer ser descrito¹⁴. Na opinião de Holanda, a localização ideal, para o paço seria Enxobregas (a zona actualmente designada por Xabregas), junto ao Tejo, local que tinha sido da preferência do avô do Rei D. Sebastião. Pois, este local, no qual se encontravam já dois importantes conventos, é espaçoso e saudável, com as suas hortas e jardins e acesso privilegiado ao rio. Poderia ainda D. Sebastião ter um parque para caça ao modo de Fontainebleau, mandando fortificar o espaço circundante ao castelo¹⁵.

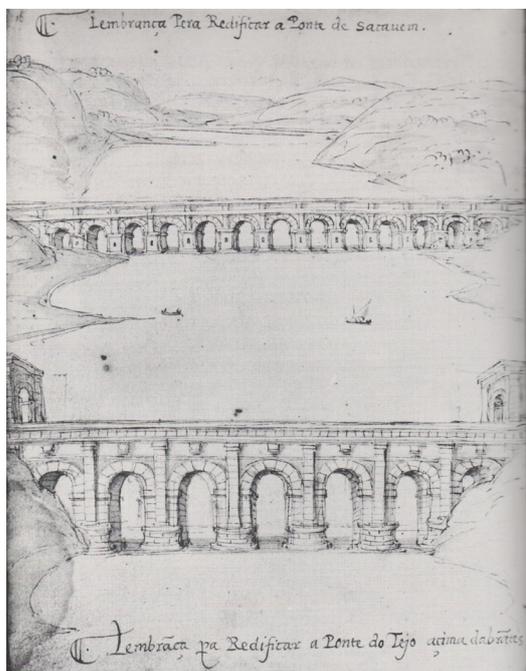


Figura 5

¹³ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, pp. 19-20.

¹⁴ Cocheril, 1971, p. 86.

¹⁵ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, pp. 21-22.

Propôs, assim, Holanda um palácio real com elementos extraídos da arquitectura militar, como é o caso dos torreões desenhados para o Palácio de Enxobregas ou Xabregas.

Quatro capítulos são dedicados às obras e aos equipamentos para uso público, aliás, característicos da cidade romana. São estes equipamentos para abastecimento de água (o capítulo sexto é designado *Da água livre*)¹⁶, meios de comunicação (o capítulo sete intitula-se *Das pontes e calçadas públicas em Lisboa*), e equipamentos para orientação (a designação do capítulo oitavo é das cruzes e miliários).

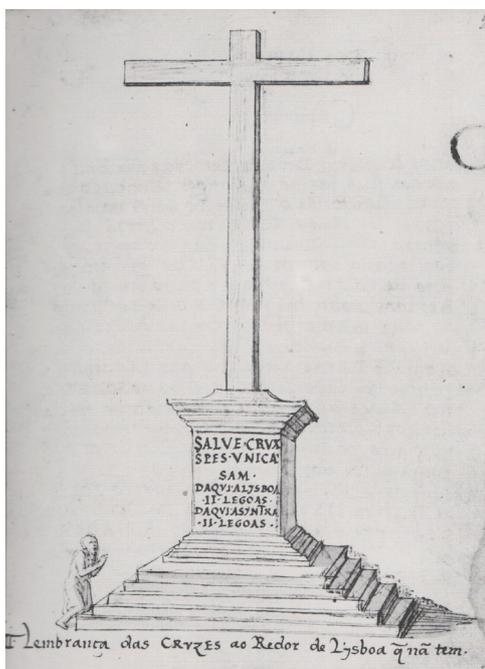


Figura 6

A cidade de Lisboa, como foi idealizada por Holanda, enquanto «nova Roma», tinha que ter uma clara componente cristã. O capítulo nove *cipos do sol e da lua* faz a apologia de criação de «espaços cristãos», através da colocação de cruzes ao redor de Lisboa¹⁷.

Com o mesmo objectivo, deveria ainda, segundo Holanda, o rei D. Sebastião mandar erguer uma igreja dedicada ao santo homónimo. Pois

¹⁶ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, p. 15.

¹⁷ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, p. 21.

o braço que seria supostamente do mártir S. Sebastião e que se guardaria, à época, nesta cidade teria protegido a mesma da peste durante quarenta anos. (o capítulo décimo intitula-se *Da Igreja de S. Sebastião*)¹⁸. Não estaria a *Nova Roma* completa, sem a construção duma capela digna em louvor do Santíssimo Sacramento (capítulo décimo-primeiro) e a realização duma respectiva custódia (capítulo décimo-segundo)¹⁹.



Figura 7

CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA *DA FÁBRICA QUE FALECE À CIDADE DE LISBOA*

A obra *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa* datada de 1571 é um pequeno texto de 31 fólios dedicado ao Rei D. Sebastião. Esta proposta de renovação arquitectónica e urbanística não foi encomendada, mas terá derivado da iniciativa individual de Francisco de Holanda. Tal facto poderá ter sido decisivo, para que este projecto nunca tenha sido con-

¹⁸ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, pp. 32-33.

¹⁹ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, respectivamente, pp. 34-36, e pp. 37-38.

cretizado, tendo permanecido no âmbito da arquitectura e do urbanismo utópicos ou míticos.

A vocação imperial de Lisboa mencionada por Holanda está relacionada com um tema que trespassa toda a obra de Holanda. Mencionamos a insistência quase obsessiva no tema mítico das maravilhas do mundo, em que, como é óbvio, se destaca Lisboa *caput mundi*. Lisboa, capital do primeiro império trans-ocêânico foi, assim, retratada como a Nova Roma, a *mirabilis urbis*, lugar simbólico da reunião das sete maravilhas do mundo ou mesmo nova Jerusalém mítica. Situa-se a obra de Holanda, enquanto descrição das maravilhas da cidade de Lisboa, na tradição dos *Mirabili urbis* da Antiguidade que foi retomada no início do séc. xvi, por Francesco Albertini. Aliás, o mesmo Albertini tinha dedicado o pequeno opúsculo *Septem Mirabilia Orbis et Urbis Romae et Florentiae Civitatis* (1510) ao Rei de Portugal D. Manuel I.



Figura 8

Assim, os edifícios desenhados e descritos por Holanda têm um carácter predominantemente emblemático, sendo inclusive a construção de alguns, em parte, inviável, do ponto de vista técnico, como é o caso

da fortaleza para o Castelo de S. Jorge²⁰. De igual modo, é possível encontrar referências ao carácter imperial de Lisboa na iconografia ornamental. Exemplarmente, nas duas fontes desenhadas por Holanda para a Praça do Rossio e para a Ribeira das Naus a água devia cair numa torneira em forma de tromba de elefante²¹. Ou seja, não é difícil interpretar a representação iconográfica do elefante, enquanto símbolo da vocação ultramarina e imperial de Portugal²².

Na sua proposta de reestruturação urbanística e arquitectónica, Holanda recorreu aos modelos antigos por ele conhecidos, desde a sua estadia em Évora. Sabemos ainda, que, à partida para Itália, Holanda tinha em sua posse o livro *Epigrammata Antiquae Urbis* (1521) de Giacomo Mazzocchi, primeiro reportório de inscrições romanas impresso. Reflecte, naturalmente, o tratado *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa* o conhecimento das obras de arte antigas e contemporâneas vistas, medidas e desenhadas por Holanda durante a sua viagem a Itália (1538-1540/1541). Mais precisamente, Holanda baseou-se, na sua *renovatio orbis*, nas experiências vividas por si em Roma, Florença, Veneza, Ancona, ou Nápoles, e fixadas em levantamentos, estudos da antiguidade e da arquitectura clássica e contemporânea²³. Por exemplo, em Roma, Francisco de Holanda foi um frequentador assíduo da oficina de António Sangallo, que, na época, era, nada menos, que o arquitecto responsável pela fábrica da Basílica de S. Pedro. Tal contacto teve consequências, a nível da produção artística de Holanda, como é o caso do projecto da Capela do Santíssimo Sacramento (fol. 30r). Isto é, Sylvie Deswarte atribui à influência da arquitectura de Sangallo as edículas com colunas coríntias e frontões triangulares, a porta com frontão curvo, e ainda a alternância de *oculi* com aberturas rectangulares²⁴.

Tem a obra de Holanda um valor que ultrapassa as fronteiras da arquitectura e do urbanismo. As constantes referências no texto ao destinatário D. Sebastião lembram a popularidade à época da tratadística moral e pedagógica das figuras régias, que teve com a obra *Espejo del*

²⁰ Moreira, 1982-1983, p. 652.

²¹ O elefante Hanno (desde Alexandre o Magno, não tinham sido vistos elefantes na Europa) tinha sido o emblema da célebre embaixada ao papa organizada por D. Manuel I em 1514.

²² Duarte, 2007, p. 56.

²³ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, p. 11.

²⁴ Deswarte, 1981, p. 241 e 246.

Príncipe Christiano (1554) de Francisco de Monzón, um dos seus máximos expoentes em Portugal. Podemos, assim, inserir este tratado de Holanda no contexto duma literatura derivada claramente dos escritos do *Cortigiano* de Castiglione, bem como de Aristóteles, na qual, o desenho serve a educação «mais perfeita» de reis e de príncipes, numa intenção já explorada por Holanda na obra *Da Pintura Antiga*.

O texto de Monzón, em especial, o último capítulo, que trata de vários aspectos relativos a Lisboa, terá constituído, ademais, uma fonte de inspiração para Holanda na obra *Da Fábrica que falece*, Monzón afirmou, como mais tarde Holanda, ainda a superioridade de Lisboa em relação a outras cidades, devido à sua antiguidade (ambos consideram Lisboa mais antiga que Roma), à qualidade dos edifícios, e ainda à amenidade do clima da capital portuguesa. Monzón considerou Lisboa superior e Jerusalém, devido ao seu clima mais temperado (verões e invernos mais aprazíveis)²⁵. Por sua vez, Holanda enalteceu «a vista e os ares excelentes» da capital portuguesa²⁶.

Enquanto elogio da cidade de Lisboa, esta obra de Holanda surgiu numa época caracterizada pela proliferação de panegíricos de cidades e cortes, em especial, das principais capitais dos impérios marítimos e comerciais europeus, incluindo naturalmente Lisboa²⁷. No que se refere ao caso português, a primeira grande obra intitulada *Descrição da Cidade de Lisboa* (1554) deveu-se à pena de Damião de Góis, um outro distinto humanista. Esta descrição serviu, aliás, de modelo de inspiração para Holanda na sua *Fábrica que falece à cidade de Lisboa*. Tanto Góis como Holanda aludiram às origens míticas de Lisboa por Ulisses, para justificar a antiguidade desta cidade, começando os seus relatos com uma resenha da sua história. Para Góis, Lisboa e Sevilha eram as únicas cidades que mereceriam o título de senhoras e rainha dos mares. Por sua vez, Holanda incentivou o rei D. Sebastião, a tornar Lisboa rainha dos mares e dos oceanos²⁸.

Escrita pela pena dum distinto homem do Renascimento, esta obra tem que obrigatoriamente compreender, no texto e na imagem, o elogio da antiguidade e da actualidade. É o que podemos observar no de-

²⁵ Monzón, *El espejo del príncipe*, fols. CLXXXIII e ss.

²⁶ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, p. 22.

²⁷ Castro Soares, 2003, p. 583.

²⁸ Góis, *Descrição da Cidade de Lisboa*, p. 27 e Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, p. 13.



Figura 9

senho do fol. 2v, onde Lisboa, representada como uma figura feminina, emerge da água e segura uma nave nas mãos. O protótipo da figura feminina para personificar a cidade de Lisboa remonta à Antiguidade, enquanto a nave representa a navegação e o comércio de Lisboa, «princesa o mundo», nas palavras de Luís de Camões.

A obra em estudo é ainda trespassada pela filosofia neo-platónica, o que se explica pelo facto, que esta época se caracterizou por uma certa abertura a esta filosofia em Portugal. Nesse sentido, começamos pela referência à visão pessimista que Holanda tinha da situação de Lisboa, com a ideia petrarquiana retomada pelos neo-platónicos de Quinhentos da ideia de Roma desfeita ou Roma das Trevas, e que o mesmo Holanda também abordou, com um desenho incluído nas *Antiquallas*. À semelhança de Roma, Lisboa ter-se-ia perdido nas trevas, com o fim da sabedoria antiga. Holanda e Petrarca, após terem enumerado os exemplos da grandeza romana, exprimiram um mesmo sentimento de orgulho nostálgico pelo passado, bem como uma esperança de ressurreição dessa mesma glória num presente ou futuro próximos²⁹.

²⁹ Deswarte, 1992, pp. 73 e 114.

Logo no início do primeiro capítulo, Holanda retomou a ideia neo-platônica de Marsílio Ficino, que toda a produção artística, incluindo a sua criação arquitectónica deriva da vontade de Deus, com as seguintes palavras:

E edificada [Lisboa] por o Senhor Deus, que mais razão se pode dizer que a edificou, mais que os homens, como aquele Rei e Senhor a quem todas as coisas são presentes, muito antes que sejam feitas; que a via já em sua eternidade qual hoje a vemos cheia de religião e sacramentos, e as maravilhosas que dela e nela e por ela havia de obrar e obra³⁰.

Esta obra, que data dum período tardio da vida de Francisco de Holanda e no qual ele se encontrava em claro desfavor junto à corte, exprime ainda as preocupações religiosas características da época pós-tridentina. Assim, no segundo capítulo, intitulado *da cidade da alma primeiro, e da sua fortaleza*, Holanda afirmou a primazia da alma sobre a matéria:

Havendo de tratar da fortificação da cidade material de Lisboa, parece razão dizer alguma coisa primeiro do que mais releva, que é a reedificação da cidade espiritual da alma³¹.

Com o intuito de justificar a importância do seu texto, Holanda fez, de igual modo, frequentes referências a passagens bíblicas e às principais figuras do Cristianismo. É o que aconteceu no brevíssimo capítulo nono *Dos Cipos e da Lua*, o qual, Holanda conclui do seguinte modo:

Os [cipos do sol e da luz] que nós, espiritualmente mudando, podemos converter em cipos ou embasamentos dos pés das cruzes que digo, em memória do verdadeiro Sol da justiça, Jesus Cristo, e da verdadeira e sempre cheia de graça Santa Maria Nossa Senhora, como se pode considerar neste desenho³².

As mesmas preocupações religiosas terão motivado, que Holanda tivesse optado por concluir o seu texto com três capítulos especificamente dedicados a temáticas religiosas³³. Explica-se ainda este epílogo com a valorização da devoção ao Santíssimo Sacramento, em ligação com a defesa da crença da transubstanciação da Eucaristia, que constitui pre-

³⁰ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, p. 13.

³¹ Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, p. 16.

³² Holanda, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, p. 31.

³³ Lousa, 2013, p. 178.

cisamente um dos aspectos destacados pela Igreja Católica, perante os ataques da reforma protestante. Neste sentido, para mostrar a importância atribuída à Eucaristia, Holanda desenhou uma capela para guardar a custódia, com a configuração da hóstia.

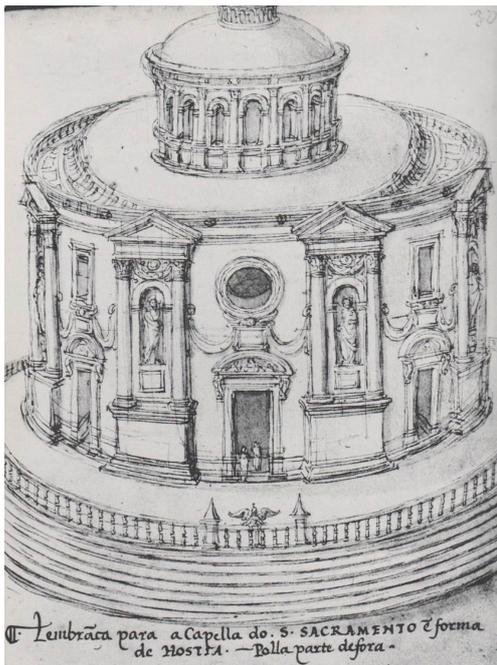


Figura 10

CONCLUSÕES

Francisco de Holanda deu-nos uma visão de Lisboa, enquanto cidade muito antiga e com origens nobres. Em finais do séc. XVI, apresentaria, no entanto, esta cidade uma série de carências e limitações, tanto a nível de urbanismo, como de arquitectura. Por isso, Holanda fez uma proposta de renovação global. Nada menos, que a primeira proposta de revitalização urbana e arquitectónica de Lisboa!

Este texto de Holanda reflecte a sua cultura humanista e renascentista. Assim, do ponto de vista artístico, verificamos, portanto, uma preferência clara pelos modelos de equipamentos e edifícios da Antiguidade clássica e renascentistas, em parte, por ele vistos e estudados durante a sua estadia em terras de Itália.

Extravasa este pequeno tratado a pura teoria de arte. Pois temos que inscrever este tratado num contexto cultural mais vasto, com referências claras à filosofia e à religião. Destaca-se o neoplatonismo, no que se refere à filosofia. É ainda este texto profundamente influenciado pela religiosidade contra-reformista.

Foi este texto escrito numa época, em que Holanda tinha perdido a sua posição vantajosa na corte. A juntar a este facto, a pouca viabilidade técnica deste projecto e a própria evolução da história marcada, entre outros aspectos, pelos problemas económicos do império e ainda pela monarquia dual, terão contribuído, para que este interessante projecto de renovação urbanístico-arquitectónica permanecesse, no essencial, num âmbito meramente utópico e mítico.

BIBLIOGRAFIA

- Castro Soares, Nair da Nazaré, «Cidades ideais e elogio das cidades no Renascimento e em Damião de Góis», in *Damião de Góis na Europa da Renascimento: Actas Congresso Internacional Damião de Góis*, Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 2003, pp. 583-608.
- Cocheril, Dom Maur, «Une description du Portugal au xvie siècle», *Arquivos do Centro Cultural Português*, 3, 1971, pp. 76-111.
- Deswarte, Sylvie, «Francisco de Holanda et les études vitruviennes en Italie», in *A Introdução da Arte da Renascença na Península Ibérica, Actas*, Coimbra, Instituto de História de Arte, 1981, pp. 227-280.
- Deswarte, Sylvie, «Francisco de Holanda, teórico entre o renascimento e o maneirismo», in *História da Arte em Portugal, o Maneirismo*, ed. Vítor Serrão, Lisboa, Publicações Alfa, 1986, 11-29.
- Deswarte, Sylvie, *Ideias e imagens em Portugal na Época dos Descobrimentos, Francisco de Holanda e a teoria da arte*, Lisboa, Difel/Difusão Editorial, 1992.
- Duarte, Eduardo, «Francisco de Holanda e a “Fábrica” de Lisboa», *Arte Teoria, Revista do Mestrado em teorias da arte da Faculdade de Belas Artes de Lisboa*, 10, 2007, pp. 41-66.
- Góis, Damião, *Descrição da Cidade de Lisboa*, ed. Raúl Machado, Lisboa, Frenesi, 2000, 2ª edição.
- Holanda, Francisco, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, ed. José Feliciano Alves, Lisboa, Livros Horizonte, 1984.
- Lousa, Teresa, «Francisco de Holanda e a teoria da arte pós-conciliar», *Revista Lusófona de ciência das Religiões*, 18-19, 2013, pp. 173-184.
- Monzón, Francisco de, *Libro primero del Espejo del príncipe christiano que trata como se ha d` criar vn príncipe o niño generoso desde su tierna niñez cõ todos los*

exercícios & virtudes que le conuienen hasta ser varon perfecto, Lisboa, Casa de Luis Rodriguez, 1554.

Moreira, Rafael, «Novos dados sobre Francisco de Holanda», *Sintria*, I-II, 1982-1983, pp. 619-692.

Sirgado Ganho, Maria de Lourdes, *O essencial sobre Francisco de Holanda*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006.

ÍNDICE DAS FIGURAS

1. Desenho do frontispício da obra *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, fol. 2r.
2. Templo romano na cidade de Évora, fotografia da autora.
3. Desenho da obra *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa* mostrando as portas para respectivamente a fortaleza interior e a fortaleza exterior, fol. 10r.
4. Desenho da obra *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa* mostrando o projecto para os palácios de Enxobregas e Parque, fol. 10v.
5. Desenho da obra *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa* mostrando o projecto para a reedificação da ponte de Sacavém, fol. 22v.
6. Desenho da obra *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa* mostrando as cruzes que deveriam ser colocadas nas redondezas de Lisboa, fol. 24r.
7. Desenho da obra *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa* mostrando projecto de sacrário, fol. 32r.
8. Desenho da obra *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa* mostrando o projecto da fonte que deveria ser instalada na Praça do Rossio, fol. 18r.
9. Desenho da obra *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa* mostrando a personificação da cidade de Lisboa, fol. 2v.
10. Desenho da obra *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa* mostrando o projecto da capela para o sacrário, fol. 32v.